

## O Papalagui

Tuiavii



*O Papalagui*, da autoria de Tuiavii, um chefe de tribo de Tiavéa, nas ilhas Samoa, cuja publicação se deve a Erich Scheuermann, convicto da importância das palavras deste samoano para o homem “civilizado”.

Este não é um livro que conta uma história de aventura, nem de fantasia e não, não é um romance. É um livro original que apresenta a visão crítica de um chefe aborígene samoano sobre o homem branco europeu e a sua cultura. Apesar de ter sido escrito em 1920, é um livro que continua muito atual e nos faz refletir sobre os nossos atos e as nossas maneiras de pensar. “O Papalagui” é um termo samoano que significa *o homem branco, o europeu*.

Este livro contém vários capítulos, contudo, apesar de todos terem um enorme

valor, concentrar-me-ei, apenas, num – “Do metal redondo e do papel forte”.

Como já devem ter compreendido, o metal redondo e o papel forte são o dinheiro, a verdadeira divindade que os Papalaguis adoram e que condiciona a sua vida. Muitos, por ele, sacrificam até mesmo a própria família e a própria saúde. Sem dinheiro, não podem matar a fome, nem apaziguar a sede, nem ter um teto para dormir, pois, para tudo é necessário “este metal redondo e papel forte”.

Quem tem muito dinheiro tem muitas coisas, e quem tem pouco, como é óbvio, tem poucas coisas. Como a nossa sociedade valoriza o ter, as pessoas querem ter muito dinheiro, para terem muitas coisas, mesmo que não precisem delas. Cada Papalagui quer ter mais e melhores objetos do que outro, o que dá origem a rivalidades, injustiças e atrocidades.

Para ter dinheiro, é preciso trabalhar, contudo, alguns desejam trabalhar pouco e receber muito. Quando têm muito dinheiro, as pessoas não querem esforçar-se, fazer trabalhos pesados que os cansem, por isso pagam a um irmão para fazer isso por eles. Um homem rico é invejado, adulado e é tratado muito bem, porque, para os *Branços*, o dinheiro é um fator determinante na posição social.

Segundo *Tuiavii*, as pessoas com muitas moedas e notas, poderiam repartir com os seus irmãos mais necessitados, mas não, são egoístas! O dinheiro deixa-os doentes e obcecados e a maior parte deles não tem coração. Em contrapartida, o homem rico também não sabe se as pessoas que se aproximam dele o fazem, apenas, movidas por interesse!

Fiquei impressionada com a atualidade da visão deste samoano sobre o homem civilizado e como a simplicidade das suas palavras traçam um espelho onde nos vemos com tanta nitidez que nos obriga a refletir e a pensar sobre o sentido das nossas regras sociais, da nossa conduta, do nosso mundo “civilizado”.

Leiam este livro invulgar e impressionante e tenho a certeza que não irão ficar indiferentes a algumas ideias que, apesar de nos parecerem ingénuas, nos tocam profundamente.

Ana Beatriz Fonseca, n.º3, 7.º D

Ilustração de Mariana Teixeira, n.º 28, 12.º E